



GT 044. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos e desafio dos direitos humanos

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) - Coordenador/a, Jane Felipe Beltrão (Universidade Federal do Pará) - Coordenador/a, Jorge Eremites de Oliveira (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE ? 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuições para esse debate.

Reflexão sobre a experiência do acolhimento dos indígenas Warao em migração para o Brasil na cidade de Santarém-PA

Autoria: Dassuem Reis Nogueira

Algumas famílias de indígenas Warao vêm migrando da Venezuela para o Brasil desde 2014. Embora a fronteira com a Colômbia seja a principal saída dos venezuelanos, em média 8 mil/dia, o Brasil recebe o maior contingente de migrantes indígenas, a maioria Warao. Antes disso, a situação de migração forçada já era dramática. O primeiro grande impacto socioambiental no território foi o represamento de um dos braços de rio que compõem o delta do Orinoco, território tradicional dos Warao. O projeto de irrigação provocou a salinização das águas e a desertificação das terras. Em 1978 apareceram os primeiros relatos em jornais da presença de indígenas Warao pedindo dinheiro nas ruas da cidade de Tucupita. A Venezuela não possuiu políticas de proteção de territórios indígenas, além de um quadro de quase completo abandono do Estado, não só dos warao, mas de todos os indígenas no país. A cada grande impacto, os Warao foram migrando de seu território em busca de alimentação, passando a pedir dinheiro nas cidades para conseguir os produtos de que necessitam. Ao adentrar o território brasileiro em grandes números, a partir de 2016, foram recebidos como refugiados políticos e passaram a gozar de direitos e deveres como cidadãos brasileiros, entrando no fluxo de diferentes serviços, como de assistência social, saúde e educação. Ainda não há uma articulação definida dos aparelhos do Estado para atender essa demanda tão específica, e entre as cidades variam as entidades e responsabilidades de acolhimento entre ACNUR, Cáritas e Secretarias de Assistência Social. Os modos de vida, a diversidade entre eles, a alta mobilidade, a não articulação das entidades e a entrada no fluxo normal dos sistemas de serviços têm sido um grande desafio para o acolhimento nas cidades. As diferentes instâncias preocupam-se em inseri-los no mercado de work, no sistema educacional e de saúde normais, retirá-los da atividade de coleta de dinheiro nas ruas acompanhados das crianças. Somados a isso podemos apontar o forte preconceito do qual são alvo como estrangeiros, como indígenas, como pedintes,



por parte das sociedades que os recebem e, das quais fazem parte, as equipes que os acolhem e parte da imprensa que os retrata. Atualmente circulam entre Pacaraima, Boa Vista, Manaus, Santarém, Altamira, Jacareacanga, Vitória do Xingu e Belém, cerca de 1870 indígenas warao. Tem sido um grande desafio que este grupo indígena tenha assegurado seu direito de reproduzir-se sócio culturalmente no contexto de migração e diante dos serviços, sendo para estes uma demanda inédita e para a qual ainda não há protocolos. Este work efetirá sobre algumas dessas questões, observadas a partir de minha atuação como antropóloga da equipe de assistência social que acolhe aos Warao na cidade de Santarém-PA.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**